

POPULAÇÕES E CONSERVAÇÃO LOCAL DOS RECURSOS FITOGENÉTICOS

Laure Emperaire (IRD UMR 208 Patrimônios locais)

Os saberes e as práticas das populações locais permitem a conservação de um leque importante de recursos fitogenéticos. Esta importância se dá tanto pela amplitude da diversidade conservada, quanto pelo caráter endêmico, altamente adaptado às condições locais, de alguns deles. Em um primeiro tempo analisamos os processos, sociais e bioecológicos, que levam a existência de uma diversidade singular que assegura a autonomia alimentar de muitos povos e constitui um recurso estratégico para o país em termos de segurança alimentar. Em um segundo tempo, abordamos a questão do futuro de sistemas agrícolas complexos e singulares frente a modelos de desenvolvimento caracterizados por uma simplificação e uma homogeneização dos espaços cultivados e das plantas.

A conservação local dos recursos fitogenéticos

Propomos uma primeira chave de leitura das formas locais de conservação dos recursos fitogenéticos estabelecida a partir da situação do Rio Negro (AM). Essas se encaixam em quatro grandes classes: - a da produção, voluntária ou não, de novos morfotipos oriundos de uma multiplicação cruzada e da seleção/conservação de alguns deles; - a da incorporação no estoque de plantas cultivadas/domesticadas de recursos silvestres; - a das modalidades de conservação dos recursos praticadas na escala da unidade de produção; - e a da conservação dos recursos por parte do(s) grupo(s) social(ais) envolvidos, seja numa escala regional.

Os mecanismos descritos se diferenciam pelas escalas de tempo em jogo, as fontes, a amplitude geográfica e social das redes mobilizadas, a motivação dos agricultores para a incorporação de um novo material nas suas coleções (necessidade, oportunidade, curiosidade, laço afetivo ...). No caso do Rio Negro, a conservação do bem constituído pela agrobiodiversidade é assumida coletivamente, solidariamente, é colocada em movimento por um sistema reticulado num modo policêntrico e não hierarquizado num espaço geográfico aberto que vai incorporando fontes externas de diversidade. Qualquer inovação, salvo provavelmente algumas plantas medicinais que circulam em redes entre detentores de saberes especializados, é rapidamente colocada em circulação na escala regional pelas redes de troca das plantas. Ressaltamos no entanto que o modelo identificado no Rio Negro não é generalizável a outros contextos. Assim, os trabalhos de Salick *et al.* (1997) indicam que o modelo de conservação dos Yanasha, na Amazônia peruana, é centrado sobre os *curanderos*, ou pajés, que atuam como conservadores dessa agrobiodiversidade. Essas colocações mostram o quanto as formas de conservação de recursos genéticos, e a riqueza biológica gerada por essas, é indissociável das formas de manejar o espaço agrícola e das formas da organização social existente em torno da agricultura e de seus recursos biológicos.

Quais modernizações da agricultura?

De modo muito esquemático, as práticas agrícolas visam controlar as interações Genótipo x Ambiente (G x A) o que pode ser considerado como uma equação. Em um extremo, as respostas dadas são de ordem da simplificação e da homogeneização, no outro extremo as respostas preservam, ou constroem, a complexidade e a heterogeneidade. A agricultura convencional, moderna, adota soluções tecnológicas que visam uniformizar o ambiente com meios mecânicos e químicos e, em consequência, selecionar genótipos altamente adaptados a esse tipo de ambiente. O primeiro passo dessa severa adequação G x A foi dado com a revolução verde dos anos 1960 que, apesar de grandes sucessos no aumento da produtividade, levou a uma importante perda da diversidade das espécies e ainda mais das variedades cultivadas, seja a um processo de erosão genética. Hoje, projetos de modernização das agriculturas locais, incorporam ainda parte da ideologia da revolução verde e visam sobretudo um aumento dos rendimentos por hectare. A implementação desses projetos criam novas categorias de significados para as plantas cultivadas e obliteram o caráter dinâmico de sua gestão e sua ancoragem social.

No entanto existem outras vias de inserção na modernidade dos sistemas agrícolas tradicionais. Uma dessa passa pelo reconhecimento do papel das populações locais na manutenção / conservação dos recursos fitogenéticos e na articulação dos dispositivos locais com os dispositivos nacionais. De modo esquemático, as instituições de conservação centram seus esforços na conservação estática de objetos biológicos, enquanto as populações de agricultores mantêm de modo dinâmico essa diversidade agrícola. São duas racionalidades, uma que visa na escala nacional e mundial conservar a diversidade e para tanto se apóia em infra-estruturas centralizadoras e de alto custo de manutenção e processos normatizados, e outra delocalizada, complexa, variável, dinâmica e singular. No entanto as duas modalidades são vulneráveis, uma pela sua centralização e seu custo, outra pela sua permeabilidade a novas dinâmicas exógenas. Complementaridades são necessárias e, no Brasil, regiões como a do Rio Negro entre outras apresentam todas as condições para serem experiências pilotos nessa interação. A diversidade presente interessa tanto as populações locais quanto o Estado.

Perguntas e pesquisas podem ser compartilhadas pelas populações locais e os cientistas. Práticas interculturais e interdisciplinares se tonam um requisito nessas reflexões. Quais poderiam ser as etapas da construção dessa interlocução? A primeira seria aprofundar a percepção local das dinâmicas ligadas a agrobiodiversidade. O que representa a perda, a substituição, o acréscimo de novas plantas e entender como essa “erosão” é apreendida localmente? Em qual escala ela se manifesta para as populações? O esquema de base deve ser pensando de modo relacional integrando plantas e significados locais (usos, saberes, manejos, formas de obtenção, etc.). Estabelecer uma linha-base da diversidade é indispensável para identificar plantas indicadoras dessas mudanças, bem como o é a necessidade de identificar instrumentos para resguardar os direitos das populações sobre a diversidade por ela produzida. Ações de salvaguarda da agrobiodiversidade fundamentadas sobre uma valorização econômica e cultural escolhida pelas populações (mercados, feiras, turismo, exposições, difusão, incentivo ao consumo de produtos locais ...) estão dando resultados positivos em outros contextos, Parque de las Papas no Peru, Papas nativas de Chiloé, cujos atores estabeleceram novas relações com instituições de conservação ou de pesquisa.

Agradecimentos

Pesquisa desenvolvida no âmbito do programa de cooperação bilateral do CNPq entre a Unicamp (coord. M. Almeida) e o IRD (coord. L. Emperaire) n° 490826/2008-3 com a autorização do CGEN , n° 139, DOU (04/04/2006); financiamentos CNPq, IRD, CNRSe Ministério da Ecologia e Desenvolvimento Sustentável (Edital PIRVE), Ministério da Cultura da França (Edital Práticas interculturais e patrimônios), Fundação Ford (*Effects of intellectual and cultural rights protection on traditional people and traditional knowledge. Case studies in Brazil*, resp. M.C. da Cunha). Agradecemos especialmente a diretoria da Associação das Comunidades Indígenas do Médio Rio Negro pelo seu apoio e envolvimento nas pesquisas e discussões.